

Caminho limpo à frente

O FREIO de arrumação que as autoridades econômicas tiveram de dar no país, para evitar que os efeitos da crise mexicana abortassem o novo ciclo de desenvolvimento que começava a se esboçar no Brasil, já começou a produzir resultados.

AS contas externas se recuperaram, com aumento das exportações e forte declínio nas importações. A balança comercial desde julho está efetivamente superavitária. As reservas cambiais no Banco Central voltaram a ultrapassar a casa dos US\$ 40 bilhões, e tudo indica que o déficit do balanço de pagamentos em conta corrente (mercadorias e serviços) será inferior a 2% do Produto Interno Bruto, limite que os economistas classificam de prudente.

ALCANÇADO esse horizonte, as rédeas da política econômica também começam a ser seguradas com mão leve, para que o setor produtivo consiga respirar e retome um ritmo de crescimento da ordem de 5% — o que se espera que seja suficiente para garantir aumento da renda da população sem comprometer a estabilidade da moeda.

COM as taxas de juros em tendência de queda, o problema da inadimplência — que

atingira níveis muito preocupantes — deve ser neutralizado. A experiência dos últimos meses certamente contribuirá para que o crédito passe a ser usado daqui para a frente com moderação: tanto tomadores como credores são gatos escaudados, e é provável que tenham adquirido salutar respeito pelos riscos, para ambos os lados, do endividamento descontrolado.

AINDA do lado dos custos, as empresas sofrerão menos pressão da política salarial. A cada mês, diminui o resíduo do IPC-r que precisa ser repassado automaticamente aos salários das categorias profissionais que estão em dissídio coletivo.

ESSES dois fatores conjugados são positivos para as finanças públicas, já que as folhas de pessoal e os encargos financeiros hoje respondem pela maior parte das despesas da União e dos estados e municípios. Qualquer alívio nessas contas melhora a capacidade de investimento do setor público, que está sendo redirecionada para programas nas áreas sociais.

Do lado da produção, os investimentos que se vêm concretizando já permitirão à oferta acompanhar a demanda interna e atender a compromissos de exportação. Mesmo

na agricultura, para a qual se desenhava um quadro desanimador, os últimos indicadores parecem contrariar as projeções pessimistas. O crédito rural foi liberado em tempo e a custos que facilitam a compra de insumos pelos pequenos e médios agricultores. O plantio das safras de verão começa agora em setembro e as condições climáticas se mostram favoráveis.

OS vilões dos índices de preços, por sua vez, deram sinais de fadiga. Nas mais recentes pesquisas, as altas de itens como serviços pessoais — estacionamento, cabeleireiro, barbeiro, mensalidades escolares, despesas médicas, roupas, alimentação fora de casa — apresentaram variação abaixo da média. Aluguéis novos estão sendo contratados em níveis abaixo das pretensões iniciais dos proprietários, e a renovação dos antigos começa a pesar menos no cálculo dos índices. As últimas projeções apontam para uma inflação mensal entre 1,5% e 1% até o final do ano.

NO lado da economia, o céu começa a se desanuviar. É intrigante que justamente agora passe a ficar tempestuoso no terreno político — onde, com razões artificiais, surgem obstáculos concretos a passos legislativos indispensáveis à consolidação da política econômica.